

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**QUEERMUSEU E O DESVIO NECESSÁRIO PARA PENSARMOS EM UMA NOVA
POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO**

Girlainy Maia Xavier

Brasília – DF

2019

Girlainy Maia Xavier

**QUEERMUSEU E O DESVIO NECESSÁRIO PARA PENSARMOS EM UMA NOVA
POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciência Política da UnB, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Orientador: Dr. Christus Nóbrega.

Brasília – DF

2019

“Corpos estranhos em contato provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades, o estranhamento não deve ser motivo para tornar negativo os julgamentos. O estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro. O diferente. Diferente em corpo que se faz trajetórias individuais. Indivíduos. Vivendo em solos de controle e manipulação, sendo colocados como sociedade e por isso obrigados ao contato.”

Em memória de Matheusa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Vanderliza Maia e Silvio Xavier, que abriram mão de projetos pessoais visando o melhor para suas filhas, que acreditaram no nosso potencial e são os maiores exemplos de força e determinação para minha vida.

As minhas irmãs, Emilainy e Carolainy por se fazerem presentes mesmo em momentos que fisicamente se encontraram distantes.

A Universidade de Brasília pela oportunidade de fazer o curso, e que durante minha graduação me auxiliou financeiramente para que eu conseguisse me manter até o final do curso, pois sem este auxílio seria muito mais difícil.

Aos anos de muito aprendizado na Casa do Estudante.

Ao meu orientador, Christus Nóbrega, que aceitou o desafio que este trabalho representa, pois mesmo sendo de outro departamento me recebeu e construímos uma pesquisa conjunta. Meu maior incentivador, que nos momentos que pensei não conseguir mais, me aconselhou com sábias e encorajadoras palavras, além de todo o apoio durante esse um ano.

Aos meus amigos, Gabriela Ricardo e Eduardo Rodrigues, que estiveram comigo durante esse processo de graduação, passando por diversas situações, nem sempre fáceis, mas que conseguimos superar com ajuda mútua e, por todos os momentos de descontração entre as aulas.

A todos meus amigos, que na fase final da monografia me deram apoio, me emprestaram livros que não podia comprar, que cederam seu tempo pra conversar sobre o assunto e me fizeram enxergar diferentes visões sobre o tema abordado.

QUEERMUSEU E O DESVIO NECESSÁRIO PARA PENSARMOS EM UMA NOVA POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO

RESUMO

Neste trabalho é realizado um levantamento dos marcos que se perpassaram durante a exposição “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira”, e a partir de um pensamento queer proposto pela mesma, são levantadas questões sobre as políticas de representação e a possibilidade de repensá-las através de um desvio às normas já estabelecidas pelas instituições, tendo em vista o caráter colonizador presente nelas, afiliados ao eurocentrismo, que tendem a responder de forma excludente, a fim de trazer para o debate novos olhares e a inclusão democrática de grupos minoritários excluídos nesses âmbitos.

Palavras-chave: teoria *queer*, *Queermuseu*, instituições, representação, representatividade.

QUEERMUSEU AND THE DETOUR NEEDED TO THINK ABOUT A NEW REPRESENTATION POLICY

ABSTRACT

The aim of this work is to survey the events and milestones that took place in the exhibition *Queermuseu: cartographies of difference in Brazilian*. From a queer reflection proposed in the exhibition, there unfolds questions regarding politics of representation and the possibility of rethinking them through a detour from the norms already settled by institutions, given the colonizing character of the latter, affiliated with eurocentrism, and that tend to respond in an excluding way. Thus, the objective is to discuss new horizons and focus on the democratic inclusion of minority groups.

Keywords: queer theory, Queermuseu, institutions, representation, representativeness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I - TEORIA QUEER	10
II - QUEERMUSEU	12
III - REPRESENTAÇÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO	36

INTRODUÇÃO

A academia e os museus foram consolidados em princípios construídos historicamente baseados em uma lógica patriarcal das instituições, em um perfil da heteronormatividade, e nas normas sociais que a regem, refletindo na formação do cânone artístico da arte ocidental, afiliadas ao eurocentrismo. O que dificulta que novos modelos sejam inseridos de forma que venha a desconstruir estes padrões já estabelecidos. No entanto, projetos radicais representam o desvio a este padrão, como estratégia necessária para quebrarmos os modelos curatoriais tradicionais, e que transcendamos este raciocínio. A fim de incluir, de forma democrática, visões, debates, perspectivas e novas realidades, promovendo a visibilidade da produção das chamadas minorias, ou seja, uma abertura para outras narrativas (GUADÊNCIO, 2018).

A “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira” se colocou como um desses projetos, uma exposição que busca confrontar e desafiar os modelos tradicionais de curadoria, que teve como propósito oportunizar o diálogo e o debate sobre a diversidade na arte brasileira e na cultura contemporânea, através das inúmeras questões de gênero que ultrapassam os aspectos desta contemporaneidade, possibilitando que experiencemos os diversos paralelos da arte, se alinhando à perspectiva artística de outras grandes mostras, como *Hide/Seek: Difference and Desire in American Portraiture* (2010), realizada pela National Portrait Gallery da Smithsonian, em Washington; *Ars Homo Erotica* (2010), do Museu Nacional da Polônia, em Varsóvia; e a *Queer British Art* (2017), na Tate Britain, em Londres. Queermuseu é um museu desviante, provisional, em que se configura além dos parâmetros restritivos, excludentes e discricionários do cânone artístico e como ele é estabelecido pela academia e pelo museu.

A exposição que tinha como idealizador o curador Gaudêncio Fidelis¹, reuniu 264 obras de 85 artistas, obras pertencentes ao quadro histórico da arte brasileira ao lado de obras da atualidade, provindas de coleções públicas e privadas, nas mais diversas linguagens artísticas. A mostra foi exposta pela Santander Cultural na cidade de Porto Alegre, tendo sua abertura dia 15 de agosto, com duração prevista para até dia 08 de outubro de 2017. Para a

¹ Curador e historiador de arte, especializado em arte brasileira moderna e contemporânea e arte da América Latina. É Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Arte pela *New York University* (NYU) e Doutor em História da Arte pela *State University of New York* (SUNY). Possui mais de 300 artigos em jornais e revistas brasileiras e estrangeiras, assim como ensaios publicados em catálogos e outras publicações. É membro do Conselho Museológico Brasileiro, do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus e do Conselho do Museu Oscar Niemeyer, dentre um extenso currículo na área.

escolha das obras, levaram-se em conta os aspectos artísticos, culturais e históricos do objeto. O curador da exposição, adotou um mecanismo de justaposição das obras, em que as mesmas se confrontassem em períodos diversos, abolindo a cronologia. Com isso, ao invés de um “túnel do tempo”, a justaposição das obras proporcionou ao expectador a importância da elucidação histórica para a compreensão do contemporâneo e para a realidade do indivíduo. No entanto, a mostra passou por diversas acusações, das quais se direcionavam principalmente a algumas obras específicas, e de forma descontextualizadas foram associadas a comportamentos sexualmente criminosos, disseminando esta visão de forma única e autoritária, o que resultou em protestos que levou ao encerramento antecipado da exposição, gerando um debate em torno da liberdade de expressão e aceitação da diversidade.

Desde o início do século XXI há um processo de emergência de novas representações identitárias de gênero nas manifestações artísticas e culturais que vem se intensificando. Nos últimos 10 anos entraram em cena debates e diálogos sobre temas antes não incluídos em pauta, como os levantados pela *Queermuseu*, não por sua inexistência, mas sim por uma falta de interesse e empatia aos temas. Todavia, há na sociedade contemporânea um anseio à inclusão da diversidade e o reconhecimento das diferenças de sujeitos e identidades até então invisibilizados, sub-representados ou estereotipados como manifestação da vida democrática, seja nas arenas políticas, sociais e culturais.

Como extensão dessa problemática, tenho como objetivo (i) abordar sobre a teoria queer e o significado do termo queer, (ii) realizar um levantamento dos marcos que se perpassaram durante a exposição “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira” para além do debate levantado por ela, (iii) discutir o conceito de representação política moderna para analisar quais obstáculos presentes e as possíveis soluções para pensarmos em políticas mais representativas e inclusivas de grupos que fogem à norma em um país dito democrático. Contudo, tendo como referencial a mostra, seus objetivos e o debate levantado através dela, no presente trabalho, busca-se compreender e relacionar a importância de levar a ideia desse museu desviante para outras esferas, de forma a constituir uma fuga antinormativa a fim de trazer para o debate novos olhares e a inclusão democrática de minorias que são excluídas do padrão institucional já estabelecido no país.

Em termos metodológicos, o presente estudo se configura numa abordagem qualitativa de caráter documental. Fundamentada em uma revisão bibliográfica, que buscou o entendimento da configuração de representação no Brasil através do entendimento do

universo Queer. O instrumento de coleta de dados consistiu, além da revisão bibliográfica, em informações coletadas diretamente do grupo virtual oficial de discussão da exposição no *whatsapp*, grupo criado pelo curador da exposição com a presença dos artistas da mesma; ademais em uma análise de discursos, e de textos jornalísticos em sites, revistas e jornais online e, a consulta de documentos legais, tais como, leis, pareceres, memorandos e regulamentos. A fim de compreender a relação em que ambos mantêm na atual conjuntura política, observáveis a partir da mostra Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira.

Ao decorrer da pesquisa observou-se a emergência de assuntos secundários ao tema principal abordado, assuntos não de caráter inferior e/ou de menor importância, mas que foram apresentados como informações adicionais para contextualização dos fatos apresentados. Trata-se de fotografias, verbetes de glossário, citações, comentários em redes sociais virtuais, entre outros. Estes estarão representados nas páginas de fundo ou fonte azul.

I - TEORIA QUEER

Na década de 1970, movimentos gays e lésbicos dominantes eram marcados pela busca, a aceitação e a integração dos homossexuais no sistema social, enfaticamente nas instituições e na conquista de marcos legais igualitários e de antidiscriminação. No entanto, possuía poucas ações que promovessem o respeito às diferenças de gênero, procurando encaixar todas as pessoas não-heterossexuais e não cisgêneras em umas das identidades da sigla LGBT, dificultando a emergência das demandas de outras identidades, considerando a adesão de uma heteronormatividade para conquistar direitos, a partir de uma construção de identidade gay “positiva”, que logo se opõe a uma identidade “negativa”, associadas a gays afeminados, lésbicas masculinizadas, transexuais e travestis. Para muitos, as campanhas destes movimentos políticos estavam marcadas pelos valores que brancos de classe média adotavam, sem questionar ideais convencionais, repetindo privilégios e comportamentos heteronormativos, sendo assim, uma política de identidade excludente que mantinha a condição de outros grupos marginalizada. Com isso, se colocava em xeque a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade (LOURO, 2001). Mas, apesar da crise na política de identidade de gênero, no início dos anos 80, com o surgimento da Aids, multiplicam-se os movimentos, devido a latente homofobia na sociedade, intensificando a discriminação já demonstrada por certos setores sociais. A intolerância, o desprezo e a exclusão fizeram com que se criassem alianças baseadas num sentimento de afinidade. A nova dinâmica dos movimentos sexuais e de gênero provocaram mudanças nas teorias, ascendendo a política *queer* que adotava uma postura de não assimilação

O termo *queer* é uma apropriação da palavra de origem inglesa que em sua definição, designa-se a algo ou alguém estranho, peculiar, excêntrico, oblíquo, diferente, bizarro. De forma depreciativa era utilizada para ofender pessoas que não seguiam o modelo padrão de sociedade e comportamento, tendo uma alusão não somente ao gênero, mas sim a grupos minoritários de forma geral. Tendo seu uso generalizado no início do século XX, usado predominantemente de forma pejorativa para mulheres e homens não heterossexuais e/ou afeminados. No entanto, a construção positiva do seu significado, que ainda se encontra em constante elaboração, se fez em um contexto das lutas dos movimentos pautados pelas políticas de identidade, tais como os movimentos feministas, lésbicos e gays nos Estados Unidos da América, passando por um processo de ressignificação, que logo abriu espaço para categorias mais amplas agregando grupos adjacentes, sendo uma ferramenta para

problematização de algo universal por representar uma multiplicidade de ideias (ROCHA, 2014).

Apesar de não podermos apontar um ponto de partida único de seus estudos, a teoria *queer* começou a se consolidar a partir dos Estudos Culturais norte-americanos, no fim da década de 1980, através de um encontro entre correntes da filosofia e estudos culturais pós-estruturalismo francês. Ainda que seu surgimento tenha se dado em departamentos não associados às investigações sociais, a teoria *queer* contrapôs estudos sociológicos sobre políticas identitárias, ganhando notoriedade ao questionar concepções clássicas sobre sujeito e identidade. Para além deste questionamento, levantaram-se discussões em relação à estrutura da sociedade heteronormativa já instalada, que resulta em uma realidade social de grupos minoritários excluídos (MISKOLCI, 2009). Ou seja, de acordo com Daniel Lourenço (2017, p. 878) sua emergência na academia enquanto novo projeto intelectual consolida-se como palavra de ordem de um novo campo de possibilidades identitárias e políticas.

Teóricos encontraram em obras como a de Michel Foucault, *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (1976), conceitos mais concretos do que era apresentado pelas ciências sociais e suas hipóteses repressivas, que acabavam por naturalizar as normas heterossexuais na década de 1970. Michel Foucault, pensador francês que problematizou o discurso, o saber e o poder, associou a sexualidade à biopolítica, argumentando que o desejo era estabelecido por um modelo heteronormativo construído para padronizar as relações sexuais, e por meio de um panorama religioso e dos saberes científicos do século XIX a acusar as anomalias e os desviantes. Apesar de não descartar a dimensão biológica que constitui os sujeitos, considera a “natureza” da sexualidade diante da experiência humana construída, posicionada e marcada por um conjunto de capturas sociais das subjetividades, seja através de proposições morais, práticas sociais e a incitação ao discurso.

Estudos *queer* e o pensamento foucaultiano criaram novas ferramentas teórico-políticas que se expandiram com o modelo psicanalítico de identidade descentrada e instável. Judith Butler ampliou o argumento foucaultiano de que a sexualidade é produzida no discurso, incluindo o gênero como efeito performativo, ganhando densidade com a quebra de estruturas conceituais pautadas no binarismo.

Ainda que teóricos desse campo constituam um agrupamento diverso e muitas vezes divergente, estes mantêm compromisso com a fundamentação teórica e baseiam-se no uso da

desconstrução como método de crítica e intervenção social (ROCHA, 2014). Todavia, a teoria *queer* surge com intuito de questionar o que entendemos como verdade em relação ao gênero; problematizar e compreender a sexualidade como construção social e histórica; se pondo a criticar discursos hegemônicos da cultura ocidental, em que o modelo heterossexual é visto como o único e correto; criticar as noções de uma essência binária e seus marcadores biológicos, desafiando as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, heterossexual/homossexual, entre outras. Logo uma provocação à normatividade, devido à oposição de projetos liberais, crítica às lógicas sociais dominantes heteronormativas e negação de uma ordem que inclui uns sujeitos e exclui outros (LOURENÇO, 2017). Sendo a oposição ao binarismo e a recusa de um sujeito a desconstrução defendida pela teoria *queer*, pois este binarismo reforça todo ato de significação, como em um jogo entre presença e ausência para definir algo (MISKOLCI, 2009).

Ou seja, ser *queer* é pensar na ambiguidade, na multiplicidade das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, sugere novas formas de pensar, através de ações imperativas de afirmação, de resistência e de transformação interseccional que reflitam nas artes, nas culturas, nas mídias e, conseqüentemente, na política e a na sociedade.

II - QUEERMUSEU

Uma das primeiras exposições com uma abordagem exclusivamente *queer* realizada no Brasil, a exposição “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira” reuniu 264 obras de 85 artistas, provindo de coleções públicas e privadas. A mesma explora a expressão e identidade de gênero, diversidade estética, geográfica e geracional da arte brasileira que percorrem um amplo arco histórico de meados do século XX até a atualidade, cobrindo as mais diversas linguagens artísticas. E busca produzir um engajamento em torno de questões como estas a partir de uma perspectiva de diversidade e diferença utilizando-se de uma inteligência estratégica *queer*. E o fato de ser considerada a primeira no Brasil e na América Latina com esse perfil se dá, pois apesar de terem sido realizadas diversas exposições com questões LGBTQI+, nenhuma se intitulou ou se designou como tal. É válido ressaltar que a Queermuseu se insere na história dessas exposições não apenas por ter sido censurada, mas sim pelo seu potencial artístico.

O curador, Gaudêncio Fidelis (2018), defende a mostra construída através da ideia de um museu ficcional, provisório, metafórico e desviante. Com caráter inclusivo, o objetivo é “produzir conhecimento avançado sobre a produção artística a partir do desvio da norma canônica” (p.11) articulando-se fora desses parâmetros, de forma a possibilitar o questionamento e a transgressão dessa norma, ainda que determinante.

[...] narrativas construídas a partir de visões dominantes do cânone artístico são em grande parte artificiais, no sentido de que não respondem à atualidade e à diversidade da produção contemporânea em suas características mais abrangentes. Da mesma forma, a *diferença* é pouco levada em consideração nos termos em que a forma é aceita dentro dos patamares de interpretação e legibilidade, os quais ainda são, em grande parte, obsoletos no que se refere aos avanços da linguagem artística.²

Sua articulação constrói a possibilidade de reflexão e o deslocamento do pensamento desse centro heteronormativo. O museu desviante proposto pela *Queermuseu* se estruturou originalmente em um “choque de imagens”, através de uma justaposição de obras em que as mesmas se confrontassem em períodos diversos, abolindo a cronologia e, ao invés de um “túnel do tempo”, a justaposição das obras proporcionou ao expectador a importância da elucidação histórica para a compreensão do contemporâneo e para a realidade do indivíduo, instituindo uma descolonização da forma artística mediante uma perspectiva descolonizada do corpo, da cultura e das subjetividades.

O desvio é sempre a possibilidade de um encontro com outro do qual o nosso corpo, muitas vezes trêmulo e titubeante, aproxima-se quando de si mesmo se afasta. Esse horizonte de medidas, por meio do qual essa entidade corporal se movimenta em direção ao outro, percorre o caminho desviante, não um atalho, nem um caminho errado. O desvio é a forma desse caminho paralelo ao raciocínio constituído e institucionalizado.³

O desvio se constitui como uma fuga antinormativa, de maneira a possibilitar uma transversalidade discursiva, intervindo mais eficientemente nos debates públicos. A mostra é, portanto, um espaço que propõe esse desvio, sendo amplo e de diálogos irrestritos, onde se

² Gaudêncio Fidelis, “Epistemologia LGBT: Museologia Queer e o Desvio como Estratégia Curatorial para Exposições Não-Heteronormativas”, in *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, catálogo da exposição, Santander Cultural, Porto Alegre, 15 de agosto a 08 de outubro de 2017, p.30.

³ Gaudêncio Fidelis, “O Museu do Desvio”, in *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, catálogo da exposição, EAV, Rio de Janeiro, 18 de agosto a 16 de setembro de 2018, p.11.

projetam suas crenças, experiências, preconceitos e medos, propondo um diálogo indispensável em momentos de retrocessos. Ou seja, a *Queermuseu* não se trata apenas de uma exposição *queer* pelo tema que abordava, mas também, de forma mais ampla e extensa do termo, através de uma perspectiva *queer* de se constituir, incidindo sobre o centro da heteronormatividade. Mas, apesar da exposição ter como propósito oportunizar o diálogo e o debate sobre as diferenças na arte brasileira, foi exatamente a intolerância com o que é diferente que levou ao encerramento antecipado da exposição e à autoritária interrupção desse diálogo.

De forma reducionista, blogueiros de extrema direita ingressaram na exposição produzindo vídeos e fotografias. Em um universo de 264 obras, generalizaram a exposição baseados em 5 obras específicas (em anexo), construindo uma narrativa difamatória de forte caráter moralista sobre a exposição, acusando obras de artistas como Lígia Clark, Adriana Varejão, Bia Leite, Fernando Baril e Antonio Obá, de incitarem pedofilia, zoofilia e ataques a símbolos religiosos, que acarretou em uma onda subsequentes de ataques de larga escala em todo território nacional e internacional.

Grupos liberais e ultraconservadores se manifestaram, utilizando a ajuda e uso de *bots*⁴ em Redes Sociais de Internet (RSIs) - manipulação de algoritmos e *posts* pagos - com o propósito de expandir e difundir esta narrativa. E como o *facebook* tem restrições a alguns conteúdos publicados, o *whatsapp* e o *twitter* foram as outras plataforma utilizadas para que estes grupos se mobilizassem, sendo que no *whatsapp* a mobilização começou previamente, onde membros enviaram mensagens e matérias sobre a exposição às células do movimento em todo o país. Ação esta que obteve sucesso, principalmente no imaginário de uma parcela da população que não teve acesso à exposição, pois devido a um falso volume de opiniões, pessoas reais passaram a compartilhar o conteúdo, ou seja, apesar de ser gerado artificialmente por máquinas o efeito se mostrou real, impossibilitando a população de ter acesso à exposição devido ao seu encerramento antecipado.

Um dia antes da decisão de encerramento da exposição, o MBL compartilhou em sua página uma matéria do *Jornalivre* (Figura 1), utilizando a como fonte para questionar o financiamento público à exposição. No entanto, *Jornalivre* é um site-fantasma, registrado

⁴ Com origem na palavra robô, sendo o diminutivo de *robot*, são softwares criados para automatizar procedimentos a partir de algoritmos, simulando ações humanas, repetidas vezes, de maneira padrão.

fora do Brasil, e não apresenta em sua interface indicação de seus administradores, nem suas matérias são assinadas. As matérias veiculadas por esse site são compartilhadas como se fossem conteúdo jornalístico, levando muitas pessoas a acreditarem em sua veracidade, as induzindo a compartilharem, mas vêm sendo recorrentemente utilizada para a criação e a circulação de *fake news*. Além de suspeitas de que o site tenha relação direta com o MBL.

MBL - Movimento Brasil Livre
9 de setembro de 2017 · 🌐

Isso acontece em Porto Alegre e é bancado por dinheiro de pagadores de impostos. Como fica?

JORNALIVRE.COM

Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura

4,1 mil 577 comentários 1 mil compartilhamentos

Glória Tremendo lixo e desrespeito à família brasileira! Que não se imponha essa sujeira que chamam de arte em espaços que deveriam servir a cultura. Querem perverter nossos valores!

Rosângela Estamos indo para o fundo do poço, onde a moral, a ética não vale mais nada. Só se dá valor a pornografia, prostituição, e assim como as nossas crianças e jovens, vão se desenvolver, o que vai ser do nosso país. Que pátria Educadora é essa.....

Valeska Isto é lixo produzido pelos sem talentos, desprovidos de alma artísticas que precisam chamar a atenção de alguma forma...pois são incapazes de produzir arte. Mas até aí, nada de novo...o péssimo é nós termos que bancar isso, com tanta gente talentosa querendo chances para brilhar...

Figura 1. Postagem na página oficial do MBL no Facebook – 09 de setembro de 2017. Fonte: Captura de tela no Facebook: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/678964132227733/>

Através de fragmentos coletados na internet, principalmente aqueles postados por grupos já citados, pequenos segmentos, em especial aqueles que não tiveram a oportunidade de ver a exposição, ficaram supondo do que ela se tratava, comentários recorrentes pautando o desrespeito à moral e aos valores da família tradicional brasileira, incitando que as obras se referiam à pornografia, além de crítica aos artistas por pautarem com frequência sobre sexo. Assim como a própria configuração do “museu queer”, obras foram transformadas radicalmente indo contrário ao que se pretendiam ser, expondo um cenário de ignorância e intolerância quando temas como estes são expostos, isso se dá, pois muitas vezes a função da arte é justamente mostrar aquilo que não queremos ver.

Estratégia digital de compartilhamento em massa de conteúdos foi utilizada pelo Movimento Brasil Livre em outros momentos, tais como na campanha para estimular

manifestações pelo impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) entre 2015 e 2016, através da divulgação de *fake news* - ação pela qual o grupo ficou conhecido -, além de campanhas difamatórias contra a vereadora Marielle Franco (PSOL) durante seu mandato e após seu assassinato, em que mensagens foram espalhadas com informações falsas e boatos sobre o envolvimento da vereadora com “bandidos” e contra outros adversários políticos do grupo. Outras publicações com notícias falsas foram compartilhadas automaticamente centenas de vezes através da plataforma “Voxer”. Sites ligados ao grupo, já chegaram, inclusive, a serem retirados do ar pelo constante compartilhamento destas notícias.

A plataforma utilizada – Voxer - permite transformar uma publicação de uma página institucional em várias postagens de pessoas físicas, aumentando o número de usuários alcançados na rede social. Para mais, a plataforma, foi desenvolvida para campanhas profissionais que obtivesse resultados reais, inclui-se um planejamento de campanha digital, ideal para políticos que buscam resultados no internet. O que se comprova em campanhas como a de Kim Kataguiri, o principal líder do MBL, que utilizou da mesma, como já vinha fazendo, mas com intuito de se eleger, objetivo alcançado pelo mesmo nas eleições de 2018, tornando-se deputado federal. Outros oito membros do Movimento foi eleito em 2018, entre deputados federais e vereadores.

Quando questionados, Kim Kataguiri, um dos líderes do grupo, afirmou à BBC News Brasil⁵ que apesar de defenderem a liberdade de expressão, o protesto contra a mostra não defendeu censura e sim um boicote, devido ao mau uso do dinheiro público, tendo em vista, esta ser uma exposição promovida pelo financiamento indireto federal, através da Lei de Incentivo à Cultura⁶ - Lei Rouanet -, implicando em isenção fiscal à Receita Federal por parte da Instituição promotora e destinando a verba ao segmento cultural. Com isso, foi questionado pelo grupo a representatividade da mostra frente a maior parte dos valores da sociedade, valores estes conservadores e de uma sociedade moldada em padrões heteronormativos; além da presença de crianças na exposição que estavam sendo levadas por escolas e a falta de indicativo de idade mínima permitida e da presença de nudez em algumas obras.

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>

⁶ Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) instituído através da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, tem o objetivo de apoiar e direcionar recursos para investimentos em projetos culturais.

CENSURA⁷

(*cen.su.ra*)

sm.

1. Ato ou efeito de censurar, criticar, repreender. [*Antôn.: elogio, louvor, apologia.*]
 2. Exame ou avaliação com intenção de conhecer méritos e defeitos de algo ou alguém, segundo certos princípios ou doutrina
 3. Exame oficial de obras informativas, literárias, teatrais, cinematográficas, de artes plásticas ou de cultura de massa com o fim de lhes fazer restrições, proibi-las ou liberá-las, segundo critérios morais, políticos, religiosos.
 4. Restrição, proibição ou modificação impostas a obra submetida a tal exame
 5. Poder de censurar; autoridade, instituição, comissão ou grupo responsável pelo exame e avaliação, proibição, liberação ou restrição de livros, filmes, músicas etc.
 6. Medida disciplinar, que visa corrigir ou coibir atos faltosos por parte de alguém; esp.: advertência ou reprovação severa, ger. de caráter formal, oficial, p.ex. como forma branda de penalização de membro de um grupo com regulamento próprio
 7. Psic. Processo psíquico que controla ou impede a ocorrência ou manifestação consciente de certas ideias, representações, desejos etc.
 8. Antq. Na Roma antiga, dignidade ou função de censor.
- [F.: Do lat. *censura*.]

BOICOTE

(*boi.co.te*)

sm.

1. Ação ou resultado de boicotar; **BOICOTAGEM**
 2. *Restr. Recusa coletiva sistemática de estabelecimento de relações sociais, trabalhistas ou comerciais com (pessoa, país, firma, nação etc.), como represália a alguma ação, medida ou fato que desagrade ou constrange: Boicote mulçumano aos países europeus em que charges de Maomé foram publicadas*
 3. *Restr. Ação de embargar ou evitar sistematicamente a compra de certo gênero, produto etc. de determinada origem: o boicote à carne bovina britânica*
 4. *Restr. Represália ou ação que por meios próprios visa a rechaçar certa medida ou ação institucional: boicote contra a decisão da diretoria*
 5. *Restr. Não comparecimento proposital, coletivo ou individual, a evento ou atividade a que se tenha sido convidado, ou a manifestação política (em ambos os casos, ger. em virtude de divergências, discordâncias ou desafetos): As meninas decidiram o boicote à festa da colega por pura maldade*
- [F.: Do ing. *boycott*, 'ação de recusar-se a trabalhar, negociar ou cooperar', do antr. (Charles Cunningham) *Boycott* (1832-1897), dono de terras e propriedades irlandês contra o qual foram impostas sanções comerciais, por ter se recusado a baixar o preço dos aluguéis.
Hom./Par.: boicote (*sm.*), boicote (*fl. de boicotar*).]

⁷ Conceitos retirados do site Aulete - Dicionário Online de Português

Apesar da campanha do MBL ter sido colocada como boicote, contribuiu sim com o ato de censura, devido ao cerceamento da liberdade de escolha e de expressão, tendo em vista que as pessoas foram impedidas de ver a exposição e tirar suas próprias conclusões, além de uma tentativa do grupo determinar o que poderia ou não ser visto e produzido pelo artista. Censura esta consolidada pelo Santander, ou seja, uma autocensura. O que resultou em protestos por parte de movimentos artísticos e sociais. Pois, apesar do Ministério Público Federal (MPF), em nota⁸, desmentir as acusações e negar crime de qualquer espécie, recomendando a reabertura imediata da Queermuseu, o banco Santander se negou a reabrir a mostra, assinando um termo de compromisso no qual se comprometia à realização de duas exposições sobre diversidade.

Em outubro de 2017 uma nova tentativa de exibir a exposição foi dada pelo Museu de Arte do Rio (MAR), que se mobilizou a reabrir a mostra na Praça Mauá, no Centro do Rio de Janeiro, fundamentada na importância de promover sua visibilidade para a população brasileira e internacional através do seu impacto e relevância artística. No entanto, partindo de uma iniciativa e decisão arbitrária, o prefeito da cidade, Marcelo Crivella (PSC), em uma manifestação pública, de forma caluniosa, reafirmando o processo difamatório já deflagrado e a acusação de incitação à pedofilia e zoofilia, por meio de um vídeo proibiu a remontagem no local.

O vídeo foi divulgado pelo prefeito em seu perfil no *Facebook*. O mesmo começa com pessoas dizendo que não "querem no Rio de Janeiro exposição de pedofilia e zoofilia", em seguida Crivella diz: "Tá vendo? É Por isso que aqui no Rio a gente não quer esta exposição" e em tom de deboche completa "Saiu no jornal que ia ser no MAR, só se for no fundo do mar porque no Museu de Arte do Rio, não". Caracterizando assim, um segundo ato de censura exercido pelo prefeito de uma das cidades brasileiras mais diversas do país tendo a mesma um caráter ainda mais grave.

A campanha para trazer Queermuseu ao Rio de Janeiro nasceu da indignação popular - manifestação e organização da classe artística - diante dessas decisões arbitrárias. Logo após o encerramento da mostra, a fotógrafa carioca Evelyne Marques Rodrigues, irritada com a postura reacionária de membros do MBL e do centro cultural que acatou uma postura retrógrada, resolveu intervir criando um abaixo-assinado on-line na plataforma Change.org, a

⁸ Íntegra disponível em: <http://www.mpf.mp.br/rs/sala-deimprensa/docs/recomendacoes/2017/recomendacao-queermuseu-porto-alegre/view>

fim de que o Santander Cultural revisse seu posicionamento e reabrisse a mostra. A petição teve 71 mil apoiadores, dentre eles artistas, como o cantor Leoni, o cineasta Daniel Ribeiro, a atriz Vera Zimmermann, o diretor de TV e teatro Michel Melamed, a ex-ministra da Cultura Ana de Hollanda e o diretor de TV Michel Coeli. Ato que salienta que desde a sua censura, não faltaram sinais de apoio.

Com um país polarizado, o debate a Queermuseu reverberou também no âmbito político. Na Assembleia Legislativa do Espírito Santo o deputado Euclério Sampaio (PDT) lançou um projeto de lei que proibia exposições artísticas com nudez e referências a atos sexuais. De acordo com o Deputado, a atuação do poder público se fez necessária para evitar que as manifestações artísticas de cunho sexual fossem promovidas em espaços públicos. O projeto já havia sido aprovado na Assembleia em outubro de 2017, mas acabou sendo vetado pelo governo do Estado e no ano seguinte teve seu veto total por mais de 50% dos parlamentares.

Em âmbito federal, um projeto de lei do deputado Delegado Francischini foi apresentado e tinha como intuito passar a criminalizar no Estatuto Da Criança e Do Adolescente (ECA) a exibição de órgãos genitais de adulto, criança ou adolescente para fins artísticos, fazendo referência ao *Queermuseu* e a performance do coreógrafo Wagner Schwartz no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. No entanto, o Ministério Público Federal divulgou uma nota técnica, em novembro de 2017, enviada aos ministros da Cultura, da Justiça e dos Direitos Humanos que, além de afirmar que a proibição não possuía respaldo legal, destacava que:

[...] nem toda nudez possui caráter sexual ou finalidade lasciva. Não apenas em culturas indígenas, como também em muitas práticas comuns no Brasil e em outros países, a nudez está desprovida de qualquer conteúdo lascivo. É o que ocorre, por exemplo, com o naturismo. No âmbito da arte contemporânea, as performances de Marina Abramovic são exemplos de exploração artística (e não-sexual) da nudez. Na performance *Imponderabilia*, por exemplo, apresentada originalmente em 1977, a artista e seu parceiro Ulay permaneciam nus, frente a frente, na entrada da Galeria Comunal de Arte Moderna de Bolonha, obrigando os espectadores a passarem entre eles para prosseguir na mostra (NOTA TÉCNICA, 2017).

A classificação etária gerou uma onda de manifestações, como resultado o curador foi chamado a se explicar no Senado, convocado para depor na CPI dos Maus Tratos Infantis pelo senador Magno Malta (PR).

Apesar da polarização em torno da temática, observou-se uma aceitação positiva do tema por boa parte da opinião pública brasileira e da comunidade cultural, sendo lançada em janeiro de 2018 uma campanha de *crowdfunding* na internet, plataforma de financiamento coletivo, com meta de arrecadação de R\$ 690.000 (seiscentos e noventa mil) reais até 29 de março do mesmo ano, visando o retorno da mostra e do seu debate de forma autônoma. Por ser uma plataforma na qual você contribui naquilo que acredita e apoia, a campanha representou uma iniciativa democrática, aberta e coletiva, através de uma tomada de posição política que deve ser destacada dentro das instituições públicas brasileiras.

Juntamente ao *crowdfunding*, vale frisar outras ações, tais como, #342 Artes⁹ e a participação do cantor Caetano Veloso, que realizou em 15 de março um show beneficente, no qual o valor dos ingressos foi revertido para a campanha de financiamento coletivo, representando um impulso à mesma. Além da realização de um leilão beneficente, que ocorreu no mesmo evento, com obras doadas de 81 artistas, sendo que nem todos os artistas tinham vínculo com a exposição, mas entendem o impacto negativo para a sociedade que a censura ao *Queermuseu* representa.

O show intitulado Caetano Contra a Censura, ocorreu no Parque Lage, se tornando um ato político contra o fascismo e a intolerância que fechou a mostra, e em torno do assassinato da ativista e vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, ocorrido no dia anterior. Mortos por este mesmo fascismo que vem matando mulheres, a comunidade LGBT, e os jovens periféricos do país.

Marielle Franco, mulher, negra, lésbica, mãe e da favela, formada pela PUC-Rio, socióloga com mestrado em Administração Pública, foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL. Defensora de uma agenda política de Direitos Humanos, carregava consigo a luta contra as desigualdades sociais, em especial as de gênero, raça e classe. Marielle foi morta a tiros dentro do carro voltando de um evento, na noite de 14 de março de 2018, quando foi abordada pelos criminosos que emparelharam um carro ao lado do veículo

⁹ Campanha contra a onda conservadora que levou à censura a exposição “Queermuseu” no Santander Cultural de Porto Alegre, e a performance “La Bête”, no MAM de São Paulo. Em seu vídeo de abertura, coordenado pela produtora Paula Lavigne, uniu 42 artistas pedindo o fim da censura e da difamação.

que estava. Além da vereadora, o motorista do carro, Anderson Pedro Gomes, também morreu baleado.

Acreditou-se que o caso seria esclarecido rapidamente por se tratar de uma vereadora da segunda maior cidade do país. Logo surgiram as primeiras hipóteses, hipóteses fantasiosas de quem foi Marielle Franco se espalharam nas redes sociais, a fim de justificar o ocorrido e destruir a reputação da mesma. Mentiras difundidas até por um deputado federal – Alberto Fraga (DEM) – integrante da “bancada da bala”, que associou Marielle ao tráfico de drogas, afirmando que sua campanha fora financiada por facções criminosas e sua morte seria algum acerto de contas. Durante 12 meses, órgãos de segurança - do chefe da Polícia Civil ao Ministro da Justiça do governo Temer - passando pelo governador do Rio de Janeiro e pelo comandante da intervenção militar, alegavam que as investigações caminhavam para uma conclusão. Mas somente nas vésperas do assassinato completar um ano, a polícia do Rio de Janeiro deteve dois suspeitos, o PM reformado Ronnie Lessa foi apontado como autor dos disparos e o ex-PM Élcio Vieira de Queiroz, como motorista do carro clonado usado no crime. Um deles mora no mesmo condomínio onde o atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) tem uma casa, levantando suspeitas da proximidade dos dois. Contudo, com os assassinos identificados, resta o questionamento sobre “Quem mandou matar Marielle Franco?”.

A manifestação no show de Caetano Veloso se deu de forma a reafirmar a indignação com a atual conjuntura política brasileira, em que o país se viu em uma realidade de profundo obscurantismo, principalmente após o golpe contra a ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2016, onde grupos extremistas ascenderam. O colapso político do Brasil continuou se agravando com o governo Temer (MDB) que se voltava para um modelo mais centro-direita, defensor de pautas conservadoras, agravando a crise que se estendeu até o período eleitoral de 2018, resultando em revoltas populares de setores da sociedade trabalhadora e das classes mais baixas, geralmente mais prejudicadas nesses contextos.

A ascensão da extrema direita foi um dos fatores que ditou as eleições no país, através de um discurso conservador, preconceituoso e repressivo, um declínio das garantias fundamentais e um verdadeiro retrocesso nos âmbitos sociais e culturais. Elegeu-se um presidente misógino, preconceituoso e ignorante, de forma a manifestar e aumentar casos de repressão contra grupos sociais minoritários, que historicamente sofrem com a violência, como LGBTs, negros, índios e periféricos, por parte daqueles que se identificam com esta

figura e sendo acobertada pela mesma, Com isso, a necessidade urgente de reflexão para construir um país com justiça social e igualdade para todos.

Estas ações levaram à frente o movimento e a necessidade de reabertura da mostra para a sociedade brasileira. Através da campanha, até o dia 26 de março foram arrecadados R\$ 724 mil de 1.230 apoiadores, sendo o maior *crowdfunding* cultural já realizado no Brasil, conforme o curador Gaudêncio Fidelis. A campanha conseguiu chegar à marca de R\$ 1.081.176,00, no total, 1.724 pessoas colaboraram com a arrecadação, que foi encerrada no dia 29 de março de 2018, possibilitando a remontagem da exposição, que ocorreu na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Com o dinheiro arrecadado pela campanha *crowdfunding*, foram realizadas reformas nas Cavalariças do Parque - espaço de realização de exposição - possibilitando que a mostra fosse remontada para a população.

Idealizada pelo Diretor-Presidente da Instituição – Escola de Artes Visuais do Parque Lage - Fabio Szwarcwald, juntamente ao curador Gaudêncio, a *Queermuseu* teve sua reinauguração dia 18 de agosto de 2018 e ficou aberta ao público até 16 de setembro, visando manter o compromisso de resistência que a escola carrega consigo, se posicionando como um espaço livre para debates, em favor da liberdade de expressão, contra censura e de convivência empática. De acordo com Fabio Szwarcwald¹⁰, a reabertura da exposição caracterizou um ato político contra a censura e o posicionamento em favor da liberdade de expressão, sendo a EAV o centro catalisador de apoio dos mais diversos agentes de um amplo arco de membros da sociedade.

A escola realizou inúmeras atividades, como eventos multidisciplinares, até mesmo no período que antecedeu a abertura da mostra, contando também com uma plataforma de debates que contribuíram institucionalmente, antes e durante a exposição, além de ter visitas guiadas com ativistas de movimentos LGBTQI+, tendo em vista o comprometimento da escola com a diversidade e o respeito às demandas da sociedade, associado a um programa educativo. A equipe de mediadores era formada por 33 pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero, agentes fundamentais que contribuíram com os debates, trazendo novas perspectivas através de relatos diversos. Diferente de outras instituições, a

¹⁰ SZWARC WALD, Fabio. Queermuseu, Queerescola. in *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, catálogo da exposição, EAV, Rio de Janeiro, 18 de agosto a 16 de setembro de 2018, p.8-10.

EAV se colocou à frente, reforçando seu compromisso com a resistência, marco no contexto artístico brasileiro de ensino da arte.

III - REPRESENTAÇÃO

O conceito de representação e as instituições representativas só começaram a surgir na Idade Média, mas somente no século XIX nasceu a ideia moderna de representação, ligando o seu conceito a um agente que agiria por outro, e as instituições à democracia. Diversos acontecimentos e reivindicações transformaram a realidade prática em torno do termo. Mas é Hannah Pitkin que apresenta em seu livro “O conceito de representação” publicado em 1967, a tipologia moderna de representação política que utilizamos. Baseada na obra “O Leviatã” do filósofo inglês do século XVII, Thomas Hobbes, que desenvolve o argumento que através de um mútuo contrato indivíduos separados se tornam um corpo único, com isso, para além de ser considerado um teórico do contrato social também é um teórico da representação, pois é neste corpo político, que está a figura do representante, apesar da sua definição para o soberano ir contrário à própria definição de representante, com ressalvas, visto que o representante é alguém que assume a responsabilidade em nome dos quais ele age e não somente um ato de autorização de forma ilimitada que age sem consultar os interesses do povo. Outras concepções de representação possíveis e que vão em direções opostas foram pautadas a partir de críticas à teoria hobbesiana (CARDOSO; MARTINS, s/d).

Em síntese, para Pitkin (1967) a representação torna presente o que está ausente. A teórica distingue a representação em quatro naturezas, sendo formalista, descritiva, simbólica e substantiva, no entanto, elege a substantiva como a ideal para representação política, em que dispensa uma ênfase a quem representa, mas sim às ideias e interesses representados nas esferas públicas. Porém, sua escolha foi criticada por teóricas feministas, devido à exclusão de determinados sujeitos nos espaços de poder.

Tendo em vista a impossibilidade de reunir todos os cidadãos para deliberar sobre diferentes interesses e pautas, a democracia busca por meio da representação, sendo este um mecanismo alternativo, efetivar o governo do povo. No entanto, é perceptível em regimes democráticos a super-representação de alguns segmentos enquanto outros grupos são excluídos. Grupos considerados minoritários, sejam de trabalhadores, população negra, indígenas e LGBTQI+, entre outros, são afastados desses espaços deliberacionistas seja pela

dinâmica da exclusão social ou pelos filtros institucionais, que reproduzem as desigualdades sociais também nas esferas públicas e políticas.

Considerando que estes segmentos que ocupam as instituições não representam a pluralidade de sujeitos, interesses e pensamentos, por serem basicamente homens, ricos, brancos e heterossexuais, observa-se a ineficiência destes sistemas políticos, sendo eles incapazes de representar seu povo e seus anseios, além de fomentar a descrença no funcionamento das instituições e na política como espaço de mediação de conflitos e conquistas de direitos (PEREIRA, 2017). A questão de quem melhor poderia falar em nome desses grupos nas arenas políticas se torna uma preocupação, pois busca-se uma autenticidade, principalmente em termos de obtenção da igualdade de presença. Para Anne Phillips é necessário uma política de presença combinada a política de ideias e o desenvolvimento de políticas afirmativas para corrigir distorções nesse sistema representativo, tais como as cotas voltadas para proporcionar maior representatividade das mulheres nos órgãos legislativos, que se coloca como importante instrumento de inclusão política.

Em tempos obscurantistas, em meio a práticas higienistas, de censura à arte e de perseguição política à parlamentares ativistas nas instituições democráticas, a luta política tem se feito presente em diferentes espaços públicos, fora das instituições. A política das multidões *queer* representa essa descentralização, engajando-se na construção de uma militância mais interseccional, priorizando estratégias através de manifestações culturais, por entender que preconceitos nascem na cultura, utilizando-se de performances políticas nas ruas, manifestos, gritos de ordem, tendo em vista o uso do corpo como instrumento de discurso político. Mas apesar dos Movimentos lutarem por seus reconhecimentos, nota-se uma ausência dessas pessoas nos espaços das instituições representativas dificultando a própria representação política desses grupos, resultando em uma lacuna social.

De acordo com Cleyton Feitosa Pereira (2017), diversos fatores são atribuídos a essa ausência nas esferas de representação, tais como a exclusão social provinda pela escassez de recursos, as estruturas desiguais da sociedade e as diferentes formas de violência sofrida por eles que resulta em uma desmotivação a ambição política. Para além desta problemática, parafraseando Lousao, (2011), enquanto a modernidade pensa na representação baseada na autorização, as formas contemporâneas se baseiam na multiplicidade e na afinidade criada em torno de temas e causas, indo de encontro às teorias e objetivos *queer* levantados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O golpe contra a estrutura constitucional-democrática brasileira consistiu em deslegitimar o campo político e a dignidade da luta política, dando espaço a uma demanda moralizadora, em que pessoas foram iludidas pela promessa de limpeza moral de um país, supostamente sujo pelas forças democráticas, e da corrupção que se estabeleceu dentro da mesma, além da saída da crise econômica. A democracia foi derrotada em 2016, com o golpe à ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), mas, na sociedade, ela vem sendo derrotada muito antes, o ataque e a desmoralização à democracia abriram o caminho da permissividade para violações inimagináveis e esse fracasso foi condição fundamental para a censura, a perseguição às minorias, o ódio político e a privação das expressões democráticas. Mas é válido ressaltar que essas construções não se consolidam de uma hora para outra, são gerações de transmissões de preconceitos, hostilidades e medo para que se perpetuem.

Apesar da aparente inclusão decorrente da visibilidade das mulheres, indivíduos LGBTQI+, afrodescendentes e indígenas que passaram a ganhar mais espaço e protagonismo nessas manifestações, decorrente de políticas afirmativas de inclusão, visibilidade e representatividade desses sujeitos e, consecutivamente, de terem entrado em pauta na sociedade discussões referente a temáticas pertinentes a esses sujeitos, assistimos ao crescente ataque a produções midiáticas, artísticas e culturais que apresentem esse viés identitário. Isso se deve a um aceitamento dessa visibilidade de que estes sujeitos respondam aos limites socioculturais heteronormativos, pois diferente disso despertam controvérsia, repulsa e ataques.

Mesmo que perseguição e censura ao *Queermuseu* pareça um episódio isolado, mostra-se como um sintoma da desagregação perceptiva acarretada pela degeneração da democracia, representando a força da destruição em curso no país. É a censura a uma expressão artística no âmbito da diversidade de gênero, operada por um banco em resposta a grupos radicais de extrema direita, e pelo neopentecostalismo e catolicismo, tendo um caráter muito mais grave, exatamente pelo seu cunho moralista e ecumênico. Características que ferem brutalmente a neutralidade do Estado e a sua laicidade. E apesar de não ser a primeira vez que esse tipo de censura acontece com relação a obras de arte, esse episódio diz muito do nosso contexto atual. Estamos passando pelo empobrecimento das diversidades e dos debates que constroem de fato uma democracia, através da polarização política e superficialidade de

debates a partir do crescimento de uma onda conservadora no país, que tenta encolher nossa democracia. No Brasil o ódio se tornou uma categoria política, transportada do domínio mais opressor da sociedade, que, vem reagindo com o uso da força como vetor de sua legitimação. O ataque à diversidade de gênero é, em qualquer contexto autoritário, paradigmático e, em larga medida, uma consequência lógica do fechamento democrático.

Contudo, em tempos obscuros como os nossos, pouco afeitos ao discurso contrastante, e em que debates são silenciados através de um forçoso convencimento do outro através de coação, sabotagens, censuras e um discursos fundamentalistas que sustenta a não aceitação da diferença, pautados principalmente por grupos religiosos radicais que falam em nome da família e dos bons costumes, se posicionando seja contra o aborto ou “ideologia” de gênero e sustentado por uma leitura literal do religioso, acolhida por representações poderosas presentes em Câmaras Legislativas do Brasil, e através da Bancada Cristã no Congresso Nacional, em que discussões que problematizam o sexismo, a misoginia e as fobias (homo, bi e trans) têm sido barradas. Esses episódios devem despertar nossa atenção para o potencial, ainda pouco explorado, dessas plataformas *queer* para a formação e para a descolonização do saber e do olhar, fazendo-se necessário um desvio *queerizado* do pensamento, tendo em vista suas ações e epistemologias polissêmicas.

Se tomarmos a *Queermuseu* como modelo, por ter redimensionado a relação operacional dos modelos tradicionais e eurocêntricos das instituições – museus – e nossa relação com os objetos dessa exposição, quebrando assim o vício normativo existente em diversos setores, como nos de produção de conhecimento acadêmico. E por frequentemente se interessar pelas políticas de representação e subalternidade, abre-se a possibilidade de utilizarmos esse desvio em outros segmentos da sociedade, para além, pensarmos em novas políticas de representação, através de instituições do desvio antinormativo, rompendo metodologias e formulações de bases fundamentalistas pautadas na lógica binária, dicotômica e misógina.

O pensamento *queer* nos ajuda a desenvolver formas de pensar e refletir as estruturas de representação, se comprometendo com o desafio de desenvolver alternativas éticas e não excludentes dos indivíduos, podendo colaborar para novos modos de acolhimento que transcendam o fundamentalismos, seja no âmbito social, político ou cultural. Todavia, pensar no sujeito queer, marginalizado, contribui para nos sensibilizar diante uma vida em que o diferente seja acolhido na diferença porque essa diferença também se encontra em mim, ou

seja, é um desafio intelectual e político que pode contribuir para desestruturar o *status quo*, e de forma anti-fundacionista repensar nossa condição atual e ideais em que se assentam o valor e o saber das sociedades contemporâneas.

A arte e a cultura são peças-chave que devemos utilizar de forma a potencializar o reconhecimento do outro a fim de buscar uma visão coletiva de pertencimento, para então desafiar e questionar as tradicionais estruturas institucionais, desconstruir discursos opressores e rearticular normas. É preciso se fazer presente nas arenas decisórias, levantar debates ligados a grupos minoritários, resistir e não recuar, e projetos culturais tendem a provocar a crítica reflexiva necessária nestes momentos. A “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira” se colocou como um desses projetos, oportunizando o diálogo e o debate sobre a diversidade na arte brasileira e na cultura contemporânea, através das inúmeras questões de gênero levantadas que ultrapassam os aspectos desta contemporaneidade. Para além, fica o convite para pensarmos em novas políticas de representação através da ótica queer, um convite a dialogar com diversidade, através da multiplicidade de possibilidades, realidades e demandas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**. Teorias da sujeição, tradução Rogério Bettoni, 1ª edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (Filô).

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero, Feminismo e subversão da identidade**; tradução de Renato Aguiar, 15ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017. *Capítulo 1, especificamente: Linguagem, poder e estratégias de deslocamento (pp. 56-70). Disponível em PDF.*

CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevam. **O conceito de representação**. Reproduzido de Pitkin, H. F. *Representation*, 1996. Política e Sociedade, v.2 (s/d).

CARRARA, Sergio; SIMOES, Julio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. Cadernos Pagu, .n.28, jan-jun 2007, pp.65-99. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cpa/n28/05.pdf. Disponível em PDF.

CASTRO, Mary C; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete. **Juventude e sexualidades**, UNESCO, Brasil, 2004. Capítulo 6. Resignificando sexualidades por violências, preconceitos e discriminações.

CRUZ, Cecilia Mori. **A Beleza Profana: Uma integração da abjeção na arte**. Programa de Pós-graduação em Arte. Universidade de Brasília, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O Que Vemos, O Que Nos Olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998. 264 p. Coleção TRANS.

FEITOSA, Cleyton. **Barreiras à ambição e à participação da população LGBT no Brasil**, Revista Ártemis, vol.XXIV, n.1, jul-dez, 2017, pp- 120-131.

FIDELIS, Gaudêncio. **Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira**. Catálogo da exposição, Santander Cultural, Porto Alegre, 15 de agosto a 08 de outubro de 2017.

FIDELIS, Gaudêncio. **Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira**. Catálogo da exposição, EAV, Rio de Janeiro, 18 de agosto a 16 de setembro de 2018.

FOCAULT, Michel. **Historia da Sexualidade I: A vontade do saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **De semelhança a semelhança**. Tradução de Maria José Werner Salles. Alea vol.13 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2011.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: an essay on abjection**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.

LOURENÇO, Daniel. **Queer na primeira pessoa: notas para uma enunciação localizadora.** Universidade de Lisboa/Lisboa, Portugal. Revista Empiricus. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação.** Estudos Feministas. Ano 9, 2/2001.

LOUSAO, Antoine. **Da representação na política à representação política: um conceito frente à dupla exigência de legitimidade e pluralidade.** Cadernos de Ética e Filosofia Política 18, 1/2011, p. 47-71.

MARINHO, Cristiane Maria; VERAS, Elias Ferreira. **Michel Foucault e a Teoria Queer.** Revista Bagoas (UFRN) – Estudos gays: gêneros e sexualidades. n.16, 2017, p. 21-28.

MISKOLCI, Richard. **A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização,** IN Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan/jun, 2009, p. 150-182. Disponível na internet e em PDF.

NASIO, J-D. **9 Lições sobre Arte e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

PHILLIPS, Anne. **De uma política de ideias a uma política de representação.** Revista de Estudos Feministas, v.9, n.1, 2001, PP. 268 – 289.

PITKIN, Hannah. **The concept of representation.** Berkeley: University of California Press. 1967.

PRECIDADO, Beatriz. **Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”** (Universidade de Paris). IN Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, n. 19, v.1, 2011, pp. 11-20.

RODRIGUES, Paulo Roberto Grangeiro. **Influência social, minorias ativas e desenvolvimento moral: ensaio teórico sobre a representatividade política brasileira.** Psicologia e Sociedade, 30, 2018.

SALES, Adriana; LOPES, Herbert Proença; PERES, Wiliam Siqueira. **Despatologizando as travestilidades e transexualidades: saúde mental e direito.** IN Revista Periódicus, n.5, v.1., maio-out 2016, pp 56-72.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise,** traduzido e publicado na Revista Educação e Realidade, V.20,n.2, 1995.

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidades e minorias.** IN Revista Lua Nova, São Paulo, n.67, 2006, pp.139-190. Disponível pela internet e PDF.

Links consultados:

<http://costaadogados.adv.br/para-tj-sp-e-censura-proibir-peca-que-representa-jesus-como-transgenero/>

<http://folhanobre.com.br/2018/07/18/projeto-proibe-governo-de-liberar-verba-para-eventos-que-exponham-crianca-a-constrangimento/169042>

<http://gente.ig.com.br/colunas/2018-04-01/queermuseu-bastidores.html>

<http://psicanalisedemocracia.com.br/2017/11/as-gay-as-bi-as-trans-e-as-sapatao-tao-tudo-organizada-para-fazer-revolucao-com-as-puta-eduardo-leal-cunha/>

<http://revistacaju.com.br/2018/08/19/falta-queer-em-queermuseu/>

<http://rogerlerina.com.br/post/1081/caetano-veloso-faz-show-historico-a-favor-da-queermuseu-e-contra-a-censura>

<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/85261/49081>

<http://sensoincomum.org/2018/08/22/queermuseu-rio-classificacao-justica/>

<http://www.aescotilha.com.br/artes-visuais/visualidades/cpi-dos-maus-tratos-gaudencio-fidelis/>

<http://www.artnews.com/2018/08/23/queermuseum-cartographies-difference-brazilian-art-cavalaricas-rio-de-janeiro/>

<http://www.flaunt.com/content/art/queermuseu-brazil>

<http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR105947>

http://www.seguinte.inf.br/noticias/coluna-do-martinelli/4056_Vereadores-legislam-ate-sobre-conteudo-libidinoso

<http://www.sinpsi.org/index.php/noticia/index/id/6133>

<https://acensuraaprovadotempo.wordpress.com/>

<https://apublica.org/2018/08/eu-recebi-mais-de-cem-ameacas-de-morte-diz-curador-da-exposicao-queermuseu/>

<https://benfeitoria.com/queermuseu>

https://blogdomag.blogfolha.uol.com.br/2018/03/07/plano-de-empresarios-ligados-ao-mbl-propoe-linha-dura-na-seguranca-e-guerrilha-na-comunicacao/?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb

<https://blogdomag.blogfolha.uol.com.br/2018/04/03/queermuseu-volta-no-rio-para-dar-basta-a-onda-de-obscurantismo-diz-curador/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/12/opinion/1520873905_571940.html

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452_688519.html?id_externo_rsc=whatsapp

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,exposicao-queermuseu-e-confirmada-no-parque-lage-em-junho-no-rio,70002244888>

<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/bbc/2018/04/06/ministro-da-cultura-diz-que-rapidez-na-prisao-de-lula-deve-ser-elogiada-gosto-de-viver-num-pais-em-que-criminosos-sao-punidos.htm>

https://epoca.globo.com/politica/expresso/noticia/2017/12/curador-do-queermuseu-se-queixa-de-magno-malta-para-o-presidente-do-senado.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=post

<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/exposicao-queermuseu-e-confirmada-no-parque-lage-em-junho-no-rio/>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2018/04/a-arte-segundo-lasier-martins-cjfy5pjfn028k01tggcosu9jo.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2018/08/justica-diz-que-menores-de-14-anos-podem-visitar-exposicao-queermuseu-cjl4f1bl103b901qk6h6uapn7.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/04/ao-propor-alterar-lei-rouanet-lasier-martins-cita-queermuseu-e-performance-de-artista-nu-aquilo-ali-e-uma-idiotice-cjfv19axl09f601phspn7ofmi.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/04/lasier-martins-apresenta-projeto-proibindo-obras-que-atentem-contra-a-moral-de-ter-acesso-a-lei-rouanet-cjfu36711092h01phl1oshaps.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/07/nao-podemos-aceitar-a-censura-e-um-recado-ao-brasil-diz-diretor-de-escola-que-recebera-queermuseu-no-rio-cjfk0nomw0rqa01qovsp201b6.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2018/04/lasier-martins-valores-e-a-lei-rouanet-cjg5kwh2i015601qo76jgzh34.html>

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/03/mbl-usou-aplicativo-irregular-para-aumentar-alcance-de-publicacoes-no-facebook-diz-jornal-cjfeeako03j501ph8trobcg1.html>

<https://glamurama.uol.com.br/leilao-pela-exposicao-queermuseu-vira-ato-de-resistencia-no-rio-de-janeiro-aos-detalhes/>

<https://gq.globo.com/Colunas/Paulo-Azeco/noticia/2018/01/quem-tem-medo-do-santander.html>

<https://luizmuller.com/2018/04/10/nazismo-chocado-pelo-sionismo-guasca-lasier-apresenta-projeto-proibindo-obras-que-atentem-contra-a-moral/>

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=10209745481708737&id=1681783064

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2103611476564059&substory_index=0&id=1713150298943514

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=333553147413937&id=322870925148826

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=573638513007846&id=100010851073368

<https://news.artnet.com/art-world/brazil-art-scene-struggles-to-find-unified-response-1264439>

<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/08/5567814-queermuseu-diferenca-que-supera-a-polemica.html#foto=1>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/apos-proibicao-ser-revogada-criancas-visitam-queermuseu-no-parque-lage-23001963>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/bienal-do-mercosul-abre-sua-11-edicao-apos-ser-adiada-por-um-ano-22556577>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/crowdfunding-da-queermuseu-passa-de-1-milhao-se-torna-maior-do-brasil-22548292>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/diretor-do-parque-lage-nao-ve-risco-de-cancelamento-de-leilao-show-da-queermuseu-22484432>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/publico-recebera-fitas-pretas-em-luto-por-marielle-franco-no-leilao-da-mostra-queermuseu-22493228>

<https://oglobo.globo.com/cultura/artistas-atacados-em-2017-criam-peca-em-resposta-agressoes-22394490>

https://oglobo.globo.com/rio/crivella-admite-que-censurou-evento-que-em-sua-opinio-ofendia-liberdade-religiosa-22750798?utm_source=WhatsApp&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar

<https://oglobo.globo.com/videos/cristaos-fazem-vigilia-na-porta-da-exposicao-queermuseu-no-parque-lage-23007847>

<https://osdivergentes.com.br/ricardo-miranda/querida-o-mbl-encolheu/>

<https://revistahibrida.com.br/2018/03/19/sob-gritos-de-marielle-presente-leilao-da-queermuseu-garante-exposicao-no-rio/>

<https://revistahibrida.com.br/2018/08/17/enfim-queermuseu-por-dentro-das-controversias-da-exposicao/>

<https://rotacult.com.br/2018/08/queermuseu-chega-ao-rio-com-214-obras-de-82-artistas/>

https://secure.avaaz.org/po/petition/Artistas_Musicos_Tecnicos_e_espetaculos_diversao_circulo_cultura_danca_Nao_a_ADPF_183_e_293/?abDeWab

<https://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2018-03-19-Facebook-censura-os-seios-da-Liberdade-guiando-o-povo-de-Delacroix>

<https://theintercept.com/2017/10/06/guerrilha-do-mbl-mira-arte-e-sexo-espalha-o-caos-e-quer-vender-a-solucao/>

<https://todoscontracensura.byinti.com/>

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/video-ministro-da-cultura-diz-que-la-bete-e-crime/>

<https://vejario.abril.com.br/blog/beira-mar/paula-lavigne-e-das-mais-empolgadas-com-leilao-no-parque-lage/>

<https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/exposicao-queermuseu-esta-novamente-ameacada-no-rio/>

<https://vimeo.com/272311633>

<https://www.bandab.com.br/nacional/manifestantes-protestam-no-rio-contr-exposicao-queermuseu/>

<https://www.bastidoresdapoliticapb.com.br/cmjp-aprova-voto-de-repudio-contr-artista-da-exposicao-sui-generis-da-energisa/>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44028880>

<https://www.brasil247.com/pt/247/cultura/366193/Cai-censura-%C3%A0-exposi%C3%A7%C3%A3o-Queermuseu.htm>

<https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-lei-rouanet-e-para-todos>

<https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FSociedade-e-Cultura%2F-A-minha-geracao-dos-tristes-tempos%EF%BF%BDde-64-sabe-o-que-e-perder-a-democracia-%2F52%2F40137#.WvJVxNzwQIM.twitter>

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/quem-e-o-youtuber-do-mbl-que-entrou-na-mostra-do-santander-para-tumultuar-bater-boca-com-segurancas-e-denunciar-pedofilia/>

<https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2017/12/mbl-a-disneylandia-da-direita/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/678964132227733/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/685384581585688/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/682214431902703/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/1095539640570178/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/680576982066448/>

<https://www.facebook.com/mblivre/posts/679961712127975>

<https://www.flickr.com/photos/midianinja/sets/72157665301920118>

<https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2018/03/imagem-de-nossa-senhora-e-censurada-em-vila-velha-1014124555.html>

https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/08/senadores-querem-mudar-lei-para-barrar-criancas-em-exposicoes-com-nudez_a_23315995/?ncid=fbklnkbrhpmg00000004

https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/11/santander-e-obrigado-a-fazer-exposicoes-sobre-diversidade-apos-cancelar-queermuseu_a_23329719/

https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/09/projeto-de-lei-do-deputado-delegado-francischini-criminaliza-nudez-em-trabalhos-artisticos_a_23357792/

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/cultura/618875-queermuseu-bate-meta-de-financiamento-coletivo-e-vai-para-o-rio-em-julho.html

<https://www.jota.info/stf/supra/queermuseu-muito-alem-da-censura-22082018>

<https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2018/08/20/abertura-da-queermuseu-no-rio-tem-galerias-lotadas-e-protesto-contramostra.html>

<https://www.nytimes.com/2018/08/26/world/americas/queer-museum-rio-de-janeiro-brazil.html>

<https://www.revistaforum.com.br/marcia-tiburi-reacionarios-nao-gostam-de-artes-porque-nao-gostam-de-questionamentos/>

<https://www.select.art.br/censura-moralismo-contrarte/>

<https://www.select.art.br/gaudencio-fidelis-se-pronuncia-sobre-acordo-entre-mp-e-santander-cultural/>

<https://www.select.art.br/parque-lage-arrecada-r-300-mil-em-leilao-para-queermuseu/>

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/02/entidades-lgbt-criticam-projeto-do-vereador-maluco-do-bem-oportunista/>

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/04/maior-financiamento-coletivo-do-brasil-queermuseu-arrecada-r-dollar-1-milhao-para-nova-exposicao/>

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/coletivo-realiza-ato-em-apoio-ao-instituto-goethe/>

<https://www.telesurtv.net/english/news/Queermuseu-Reopens-Brazil-Amid-Conservative-Protests-20180818-0021.html>

<https://www.theartnewspaper.com/comment/museums-have-a-duty-to-be-political>

<https://www.youtube.com/watch?v=4LxOWUzslqk&feature=youtu.be>

<https://www.youtube.com/watch?v=80nqL0TBYsI>

<https://www.youtube.com/watch?v=a-S4UmKZJ5c>

<https://www.youtube.com/watch?v=Ddyf2iIYIVs>

<https://www.youtube.com/watch?v=FrVCgfu4aUw&feature=youtu.be>

<https://www.youtube.com/watch?v=HmLp8miffwI>

<https://www.youtube.com/watch?v=KSOT0I-iD-w>

https://www.youtube.com/watch?v=SgM31o2Wq_w

<https://www.youtube.com/watch?v=U5dsKdEy3Ww&feature=youtu.be>

<https://www.youtube.com/watch?v=wsN-D0Q-KtM>

<https://www.youtube.com/watch?v=XyJnda72xxY>

<https://www.youtube.com/watch?v=Z4qO4WcdwhI&feature=youtu.be>

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/05/escola-sem-partido-avanca-na-camara-texto-proibe-uso-do-termo-genero.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/01/1948124-o-ataque-as-artes-e-subproduto-de-linchamentos-politicos-diz-teorica.shtml>

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/diretor-da-escola-de-artes-visuais-do-parque-lage-e-exonerado.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/apos-pedido-de-malafaia-queermuseu-tera-classificacao-indicativa-para-14-anos.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/em-cenario-polarizado-celebridades-entram-na-corrída-eleitoral.shtml>

ANEXO



Figura 2: FERNANDO BARIL – Cruzando Jesus Cristo com Deusa Shiva, 1996.



Figura 3: ADRIANA VAREJÃO – Cenas de Interior II, 1994.



Figura 4: ANTONIO OBÁ – *Et Verbum*, 2011



Figura 5: BIA LEITE – *Travesti da lambada e a deusa das águas*, 2013; *Adriano bafônica e Luiz França She-há*, 2013.



Figura 6: LYGIACLARK – O Eu e o Tu – Série roupa-corpo-roupa, 1967 – 2015.

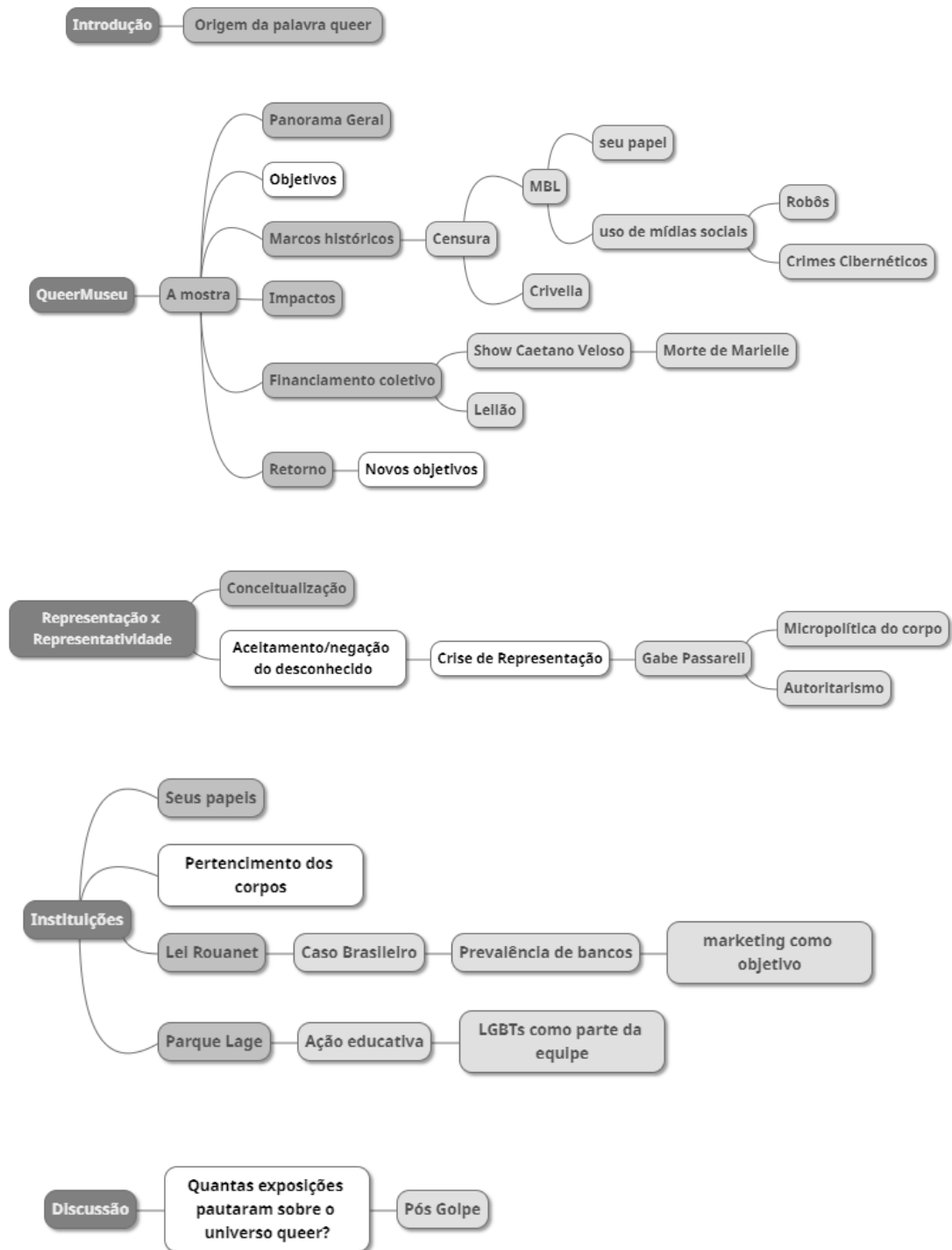


Figura 7: *Mind map* produzido no pré-projeto do trabalho de conclusão de curso para esquetizar possíveis assuntos a serem abordados.